



**VI Jornada Ibero-Americana de Pesquisas
em Políticas Educacionais e
Experiências Interdisciplinares na Educação**

13, 14 e 15
junho de 2022

ISSN: 2525-9571

Vol. 6 | Nº. 1 | Ano 2022

**Eixo TEMÁTICO: Educação, Ciência,
Tecnologia e Informação**

Eder Alonso Castro

*Instituto Federal de Brasília -
IFB*

Eder.castro@ifb.edu.br

**ENSINO HÍBRIDO, NOVIDADE
PÓS-PANDEMIA?**

**HYBRID EDUCATION, POST-
PANDEMIC NEWS?**



**VI Jornada Ibero-Americana de Pesquisas
em Políticas Educacionais e
Experiências Interdisciplinares na Educação**

13, 14 e 15
junho de 2022

RESUMO. Para grande parte da população o termo “ensino híbrido” passou a existir no ano de 2021 com as notícias de volta às aulas, mas, no entanto o termo já é conhecido há muito mais tempo, inclusive com experiências consolidadas no Brasil e no mundo, por diversas instituições de ensino. As instituições de educação superior, em sua maioria, privadas foram as primeiras escolas brasileiras a experimentarem situações de ensino híbrido. Em muitos casos, o modelo foi implementado como forma de ajustar tempos e espaços para atender maior número de estudantes em suas instalações e as primeiras experiências estavam associadas à educação a distância. Este estudo é um esforço em ampliar o conceito de ensino híbrido, que tem sido muito utilizado pela mídia nos últimos tempos. O objetivo inicial do trabalho é ampliar o conceito por meio de estudos bibliográficos que apresentam diversos modelos de sua aplicação. Na sequência fizemos uma pesquisa de campo, com aproximadamente cinquenta professores, para identificar suas experiências e conhecimentos acerca do tema. A metodologia adotada foi a pesquisa descritiva que se utilizou de dados quantitativos associados a uma análise qualitativa. Como resultados identificamos que a maioria dos respondentes conhecem o termo em seu significado mais raso, não possuem experiências de ensino híbrido nos modelos apresentados pela pesquisa bibliográfica e não conhecem a fundo, uma educação que adota o modelo híbrido como metodologia ativa de ensino e aprendizagem personalizada.

Palavras-chave: Ensino Híbrido. Aprendizagem Personalizada. Tecnologia Educacional. Metodologias Ativas.

ABSTRACT. For a large part of the population, the term “hybrid education” came into existence in 2021 with the back-to-school news, but, however, the term has been known for much longer, including consolidated experiences in Brazil and in the world, by different educational institutions. Higher education institutions, mostly private, were the first Brazilian schools to experience hybrid learning situations. In many cases, the model was implemented as a way of adjusting times and spaces to serve a greater number of students in their facilities and the first experiences were associated with distance education. This study is an effort to expand the concept of blended learning, which has been widely used by the media in recent times. The initial objective of the work is to expand the concept through bibliographic studies that present different models of its application. We then carried out a field survey with approximately fifty teachers to identify their experiences and knowledge on the subject. The methodology adopted was descriptive research that used quantitative data associated with a qualitative analysis. As a result, we identified that most respondents know the term in its shallowest meaning, do not have hybrid teaching experiences in the models presented by the bibliographic research and do not know in depth an education that adopts the hybrid model as an active methodology for personalized teaching and learning.

Keywords: Blended Teaching. Personalized Learning. Educational technology. Active Methodologies.



1. INTRODUÇÃO

No ano de 2015, quando fazia parte do Grupo de Estudos em Metodologias Ativas - GEMA, vinculado a uma instituição de ensino superior privada do distrito federal, escrevemos um texto sobre ensino híbrido.

O texto motivador desta discussão: Ensino Híbrido: personalização e tecnologia da educação, organizado por Lilian Bacich, Adolfo Tanzi Neto e Fernando de Mello Trevisani provocou muitas inquietações nos participantes do grupo que expuseram suas angústias e desafios ao lidar com os alunos do ensino superior em sala de aula. As discussões foram bastante ricas o que nos levou a compartilhar aqui algumas reflexões que nos instigam em nossa constante busca de uma educação superior de qualidade ofertada em uma instituição privada, na qual a maioria dos alunos são trabalhadores e frequentam a faculdade no período noturno. (CASTRO, et al, 2015. p. 47)

Naquele momento, muitas instituições privadas, em sua maioria de ensino superior, já se colocavam a preocupação em discutir novas metodologias de ensino em função das dificuldades em lidar com os estudantes que chegavam a esse nível de ensino com muitos déficits de conhecimentos. Ao conhecermos a obra de Bacich, Tanzi e Trevisani (2015) nos debruçamos em seus estudos para entender que tipo de metodologia era essa, da qual, pouco se tinha conhecimento no Brasil.

Na internet encontrávamos, naquela época, algumas informações sobre esse modelo de ensino que, ainda, era pouco conhecido no Brasil. A obra dos autores citados acima, relata uma experiência piloto realizada no Brasil a partir de um convênio realizado entre uma instituição brasileira e uma norte-americana. Ao nos aprofundar nesses relatos passamos a compreender o conceito de híbrido na educação.

O texto que escrevemos naquele momento questionava sobre a possibilidade da implantação de um ensino no modelo híbrido na educação superior e os possíveis impasses para o sucesso deste tipo de experiência. Jamais imaginávamos que hoje, apenas seis anos depois, estaríamos falando de ensino híbrido em todos os níveis de ensino.

O termo “ensino híbrido” tem sido amplamente divulgado pela mídia como a solução para uma volta às aulas neste período, que julgamos ser, final da pandemia provocada pela covid 19. Mas será que esta popularização do termo consegue alcançar tudo aquilo que ele representa? Em nosso entendimento há muita confusão quando algum termo se populariza e é utilizado de forma incorreta.



Isto foi o mesmo que ocorreu com a Educação a Distância - EaD no início da pandemia e continua ocorrendo até hoje. Muitas pessoas confundiram o ensino remoto com educação a distância. Durante a pandemia, a maioria das escolas passaram a ofertar o ensino remoto em virtude da não presencialidade dos estudantes, mas isso não pode ser caracterizado como EaD. Como discutimos em um texto publicado no auge da pandemia.

Dessa forma, entendemos que a mediação didático-pedagógica na EaD requer um planejamento de ensino necessariamente apoiado por tecnologias digitais adequadas aos objetivos de aprendizagem onde o processo de construção do conhecimento acontece por meio de conexões estabelecidas entre todos os elementos que compõem processo ensino-aprendizagem. Esse planejamento, portanto, não se dá de forma pontual, mas deve acontecer em uma perspectiva integral e contínua. (CASTRO e QUEIROZ. 2020. p. 7)

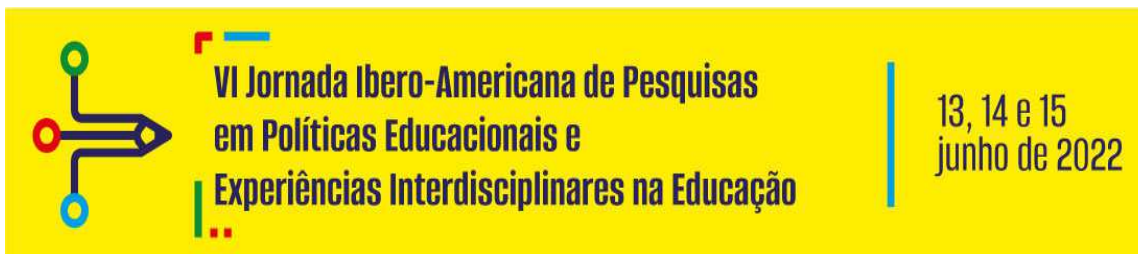
Na maioria das vezes, as pessoas leigas, entendem que basta ter uma atividade não presencial, mediada por tecnologia, para que ela seja caracterizada como educação a distância. Mas para que essa modalidade de ensino seja real é necessário que haja uma mediação pedagógica e isso demanda planejamento, objetivos claros, intencionalidade e definição de tecnologia adequada para realização desse processo de ensino e aprendizagem.

O estudo se justifica na necessidade de esclarecimentos e utilização correta dos termos que, quando mal entendidos, passam a ser difundidos e utilizados de forma incorreta acarretando no usos superficial de suas aplicabilidades e na descaracterização de sua eficiência e eficácia.

Quando nos referimos ao ensino híbrido, entendemos que a comparação com esses equívocos que ocorrem com a EaD, seja muito próxima. Nesse sentido, buscamos, neste estudo, explicitar o modelo de aprendizagem baseado no ensino híbrido e como sua implementação pode contribuir para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem. Para alcançar tal objetivo recorreremos à pesquisa bibliográfica que fundamentará nosso estudo.

Na sequência apresentaremos uma pesquisa de campo realizada com docentes de diferentes níveis de ensino. Os resultados da pesquisa demonstram as impressões sobre o ensino híbrido e sua aplicação neste momento da história da educação brasileira. Demonstram, ainda, que a falta de formação continuada dos docentes faz com que o entendimento sobre esta metodologia de ensino fique pulverizado e mal-entendido, provocando, assim, a rejeição por uma metodologia ativa pelo fato de ignorar seus fundamentos e as diferentes aplicabilidades dela.

1. O ENSINO HÍBRIDO E SUAS VARIANTES



Ao consultarmos um dicionário da língua portuguesa identificamos que o termo híbrido pode designar um cruzamento genético entre duas espécies raças, ou variedades ou, ainda, gêneros distintos, sejam eles vegetais ou animais. No sentido Figurado o termo “híbrido” é caracterizado por aquilo que foi composto por elementos diferentes. São sinônimos de híbrido os termos: anômalo, antinatural, irregular, mestiço e monstruoso (DICIO, 2021).

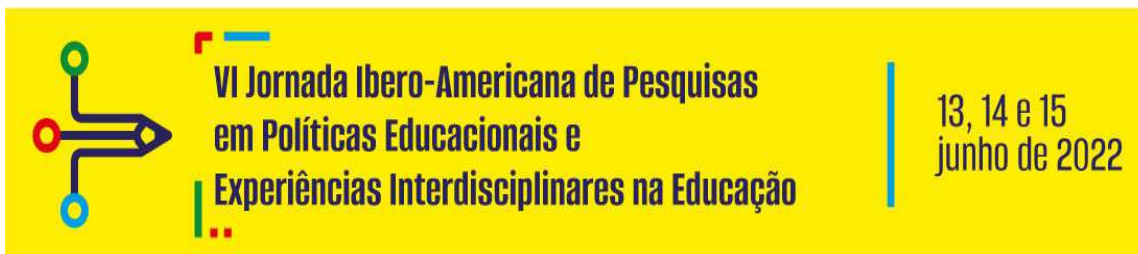
Podemos encontrar a aplicação do termo híbrido em diferentes áreas. Vejamos alguns exemplos: em linguística um vocábulo híbrido é aquele que se forma a partir da junção de palavras pertencentes a línguas distintas. No mundo do trabalho, híbrido é aquele tipo de trabalho no qual as atividades podem ser desenvolvidas quando, como e onde o empregado desejar, não estando restrito às instalações da empresa. Um carro híbrido é aquele que pode funcionar com um motor de combustão (normalmente movido a gasolina) e/ou com um motor elétrico. Na área de informática, um monitor híbrido é aquele que pode ser utilizado como monitor de computador, mas que também funciona como televisor ou tablet (DICIO, 2021).

Diante de tantos exemplos nos perguntamos: mas como aplicar o termo híbrido na educação? Para Moran (2015) a educação é híbrida pelo fato de estar inserida na sociedade, que em si, é imperfeita, contraditória e multicultural. O ensino é híbrido porque transita entre a educação formal e informal, porque todos somos aprendizes e mestres ao mesmo tempo, ou seja, para este autor a educação por si só já é um fenômeno híbrido por natureza.

Na educação formal ocorrem vários tipos de misturas, existem currículos que são mais flexíveis e possibilitam a mistura de metodologias, existem diferentes atuações de docentes que promovem variadas formas de aprendizagem e caminhos personalizados. As escolas que estão atentas às mudanças provocadas pelas novas tecnologias escolhem alterar suas formas de ensinar, algumas de forma suave e outras de formas mais profundas. Estas últimas adotam modelos mais inovadores, redesenhando seu projeto educativo por meio do ensino híbrido ou *blended* no processo de sala de aula invertida (MORAN, 2015). É sobre este último conceito de híbrido que queremos aprofundar nossa reflexão neste estudo.

1.1. O ensino híbrido em diferentes manifestações

Como vimos anteriormente existem várias formas de se realizar o ensino híbrido. Nosso esforço aqui será o de identificar como essas propostas podem ser diferenciadas e quais as consequências delas para o processo de aprendizagem.



No Brasil as instituições de ensino superior, foram as primeiras a adotarem modelos híbridos de ensino. Esta iniciativa se deu, na maioria das vezes, em instituições privadas, que buscavam formas de reduzir os custos de seus cursos, em função da grande concorrência entre elas. Fato, este, que tem se intensificado na atualidade e com o fenômeno da pandemia que se alastrou em nosso território. Este modelo é condizente com o que está explícito no livro *Blended*: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação. “Ensino híbrido é qualquer programa educacional formal no qual um estudante aprende, pelo menos em parte, por meio do ensino *on-line*, com algum elemento de controle do estudante sobre o tempo, o lugar, o caminho e/ou o ritmo.” (HORN e STAKER, 2015. p. 34)

O modelo, também conhecido por *blended learning*, adotado pelas instituições de ensino superior, na maioria das vezes, é o de ofertar determinadas disciplinas, preferencialmente aquelas que deveriam ser cursadas por muitos estudantes, na modalidade a distância ou semipresencial. Esta prática proporciona diversas vantagens para a instituição, principalmente na redução de custos, e algumas vezes, para o estudante que consegue cursar uma disciplina na qual fora reprovado, sem que ela atrapalhasse o fluxo de seu curso.

Essa ideia apresentada até aqui foi uma solução adotada em algumas instituições no sentido de proporcionar uma mistura entre o ensino presencial e o a distância que, em muitas situações, nem necessita de ser mediado por tecnologias. A dinâmica de manter alguns encontros presenciais supria a necessidade de mediações tecnológicas. Esse modelo acabou sendo bastante utilizado na educação superior, mas no ensino básico encontramos outros modelos.

... O ensino híbrido, da maneira que vem sendo utilizado nas escolas de educação básica nos Estados Unidos, na América Lantina e na Europa, difere das definições de *blended learning* voltadas para o ensino superior e entendido como aquele modelo em que o método tradicional, presencial, se mistura com o ensino a distância e, em alguns casos determinadas disciplinas são ministradas na forma presencial, enquanto, outras, apenas *on-line*... (BACHIC, TANZI NETO e TREVISANI, 2015, p. 51)

Portanto o ensino híbrido, pensado para a educação básica propõe uma superação do modelo tradicional de aprendizagem. Sua superação não se concentra apenas em mesclar a presencialidade com a modalidade não presencial, sua proposta vai além da mistura de modalidades propondo um modelo de aprendizagem ativa, no qual o estudante passa a ter uma educação integrada com o uso de tecnologias digitais na cultura escolar contemporânea.

De acordo com o modelo proposto pelo *Clayton Christensen Institute*, o ensino híbrido é um programa de educação formal no qual um aluno aprende por meio do ensino *on-line*, com



elemento de controle do estudante sobre o tempo, o lugar, o modo e/ou o ritmo do estudo, e por meio do ensino presencial, na escola. (BACHIC, TANZI NETO e TREVISANI, 2015, p. 52)

Neste sentido, o ensino híbrido é compreendido como um programa educacional no qual as tecnologias digitais estão integradas ao currículo, assumindo um papel essencial no processo de ensino com foco na personalização da aprendizagem.

Observe que neste programa de educação híbrida as tecnologias digitais deixam de ter um fim em si mesmas, como ocorre na modalidade a distância, e passam a fazer parte do processo educativo como um instrumento que auxilia a aprendizagem com foco nas necessidades individuais ou de pequenos grupos de estudantes.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa foi constituída numa abordagem qualitativa com o desejo de analisar o fenômeno social do ensino híbrido que tem se manifestado, como alternativa educacional, neste período em que estamos saindo de uma crise endêmica, isto porque, ainda não temos condições estáveis para volta das atividades educacionais presenciais em sua normalidade. Ressalta-se que, muitas instituições de ensino, já remetem a possibilidade de que este seja um modelo de ensino permanente e não apenas provisório para este período.

Sendo uma pesquisa exploratória, nosso primeiro passo foi o de recolher informações que descrevem a investigação de maneira mais abstrata, inicialmente por meio de uma pesquisa bibliográfica que nos ajudou a entender o fenômeno em foco e suas variantes.

Num segundo momento, utilizamos de uma pesquisa de campo, com dados quantitativos que nos ajudam a analisar e compreender como, os docentes que atuam na educação básica, estão percebendo o fenômeno investigado. Para realização desse segundo passo utilizamos como instrumento um questionário realizado no google docs, que foi divulgado em diversas redes sociais e obteve respostas aleatórias sobre a temática analisada.

Em termos simples, os dados quantitativos fornecem os números para provar os amplos pontos gerais da pesquisa, enquanto os dados qualitativos trazem os detalhes e a profundidade para entender suas implicações completas.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Passaremos a apresentar e analisar os dados da pesquisa de campo realizada durante o mês de setembro de 2021. O questionário foi distribuído em diversas redes sociais, de forma aleatória e era direcionado a docentes de qualquer nível de ensino e qualquer área de



conhecimento. Ao todo tivemos cinquenta e quatro devoluções e as respostas serão analisadas a seguir.

Constatamos que a titulação que mais aparece nas respostas é o mestrado, cerca de 28% dos respondentes possuem este título. Em segundo lugar estão os docentes com título de especialistas, cerca de 26%. Uma grande parte, 24% são graduados em licenciatura e 20% são doutores. Este resultado demonstra que nossos respondentes, em sua maioria (cerca de 62%), têm algum tipo de especialização seja lato sensu, mestrado ou doutorado.

Quanto ao nível de ensino no qual estão atuando temos os seguintes dados: Na educação infantil apenas dois, no ensino fundamental I e II, vinte e quatro, no ensino médio, vinte e sete e no ensino superior vinte e dois respondentes. Portanto, a maioria dos professores respondentes atuam na educação básica, que é nosso foco neste estudo.

Ao serem questionados sobre quando foi a primeira vez que ouviram falar sobre o ensino híbrido identificamos que mais da metade dos respondentes afirmam ter ouvido falar de ensino híbrido durante a pandemia. Esse é um dado intrigante, pois em nossas pesquisas identificamos que, embora existam poucas publicações no cenário brasileiro que abordam o tema antes de 2020 ele já era foco de discussão em muitas esferas educacionais.

Em 2008, Michel Horn (EUA) constituiu a primeira experiência intitulada Blended learning junto com Clayton Christensen Institute. No Brasil, em 2014, o Instituto Península e a Fundação Lemann organizaram grupos de experimentação com dezesseis professores em quatro estados do Brasil. Em 2016, foi publicado o livro “Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação, resultado das reflexões do Grupo de Experimentações em ensino híbrido, criado pela Fundação Lemann e pelo Instituto Península...” (DOURADO. 2021. p.1)

Ao serem questionados sobre terem feito algum estudo formal sobre o ensino híbrido constatamos que a grande maioria, 85% não fez nenhum estudo específico sobre o tema. Isso demonstra que a maioria dos respondentes já ouviram falar sobre ensino híbrido, mas não conhecem os modelos de hibridismo.

Este dado nos remete ao medo da banalização apontado no início deste texto. “Fica claro que a implantação do ensino híbrido requer a boa formação do professor, a adequação do currículo, bem como das atividades curriculares e da dinâmica da sala de aula” (VALENTE, in: BACHIC, TANZI NETO e TREVISANI, 2015, p. 17).

Como complemento da questão anterior foi solicitado aos que responderam afirmativamente que relatassem suas experiências. Desses relatos percebemos que a maioria dos professores tomaram contato com o ensino híbrido na prática docente como formação continuada. Existe apenas um dos relatos que apresenta o curso de lato sensu como processo



**VI Jornada Ibero-Americana de Pesquisas
em Políticas Educacionais e
Experiências Interdisciplinares na Educação**

**13, 14 e 15
junho de 2022**

de formação separado da prática docente. Assim, identifica-se que a implementação dessa modalidade por algumas instituições não encontra um professor capacitado para adotá-la e isto requer que a instituição invista na formação deste profissional.

Ao serem questionados sobre o conceito de ensino híbrido identificamos que mais da metade dos respondentes, 51,9% identificam o ensino híbrido como: “qualquer atividade educacional que seja parte presencial e outra à distância”. Outros, 29,6% conceituam com: “Mistura metodológica que impacta a ação do professor em situações de ensino e a ação dos estudantes em situações de aprendizagem”. Desses dois dados podemos inferir que o conceito de ensino híbrido é bastante ruim para cerca de oitenta por cento dos respondentes, pois, demonstra pouco conhecimento e quase nenhuma experiência mais aprofundada sobre o tema. Cerca de 15% dos respondentes identificam a mediação por tecnologias e a rotação por estações de trabalho como definições básicas para este modelo de ensino. O mais dramático é constatar que, menos de 5% vê o ensino híbrido como um ensino personalizado. Mais uma vez aparece aqui o risco da banalização do termo alertado anteriormente.

A próxima questão perguntava sobre a experiências com o ensino híbrido. A maioria dos respondentes afirmam não ter tido nenhuma experiência com ensino híbrido. Aos que responderam afirmativamente à questão foi solicitado que relatassem a experiência. Para melhor analisarmos estas respostas classificamos em grupos que podem ser identificados como: Experiência com a pandemia (de 2020 em diante) ou Experiências diversas. Das vinte e uma respostas que obtivemos, classificamos quinze em experiência com a pandemia (de 2020 em diante), são as respostas dos professores (P): 3, 4, 6, 7, 9, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20 e 21. E outras seis em experiências diversas, as dos professores (P) 1, 2, 5, 8, 10, 13. Este dado nos remete a identificação de que a experiência relatada, na maioria dos casos, está na situação provocada pela pandemia, ou seja, numa experiência emergencial que não proporcionou tempo de reflexão e maturação desta ação.

A próxima questão indagava sobre o conhecimento de alguma instituição que adote formalmente o ensino híbrido. Cerca de 40% dos respondentes afirmaram que sim. Aos que responderam afirmativamente foi solicitado que explicassem como era a organização da escola, assim obtivemos as seguintes respostas:

- P1. Cursos de pós-graduação
- P2. Escolas da rede de ensino estadual



**VI Jornada Ibero-Americana de Pesquisas
em Políticas Educacionais e
Experiências Interdisciplinares na Educação**

**13, 14 e 15
junho de 2022**

P3. Os estudantes são distribuídos em turmas e têm aulas teóricas na modalidade EaD. Comparecem aos laboratórios aos sábados para a realização de práticas relacionadas aos conteúdos da EaD.

P4. SEEDF

P5. metade das Crianças assistem aulas presenciais nas manhãs de 2^{as} e 3^{as}, a outra metade, nas tardes desses dias. 4^a não têm aulas, e 5^{as} e 6^{as} têm aulas online.

P6. Na outra turma, ocorre o inverso.

P7. No domingo anterior, são enviadas as Atividades para serem realizadas em casa.

P8. Já as Professoras, se dividem: uma dá as aulas todas às 2^{as} e 3^{as}, e a outra dá as aulas online; nas 5^{as} e 6^{as}, o inverso.

P9. CENTRO DE ENSINO INFANTIL 02 DE TAGUATINGA

P10. O estudante vai 2 dias na semana para a escola e os outros dias de aula ocorrem em casa por meio da plataforma Google.

P11. Ufpa

P12. Transmissão online da aula ministrada no presencial.

P13. Além da rede estadual, escolas particulares.

P14. Em adaptação

P15. Aulas simultaneamente para crianças online e presencial, utilizando da tecnologia como suporte (vídeos, jogos etc.)

P16. Ensino presencial e EAD e tecnológico

P17. Na escola uma semana o trabalho é presencial e uma semana é híbrido. Um complementando o outro.

P18. A cada duas semanas a escola manda atividades para os alunos online seguir o mesmo ritmo de atividades dos alunos que estão presencialmente.

P19. A SEDF está organizando os trabalhos desta forma, em que os alunos participam das atividades tanto de forma presencial como de forma à distância.

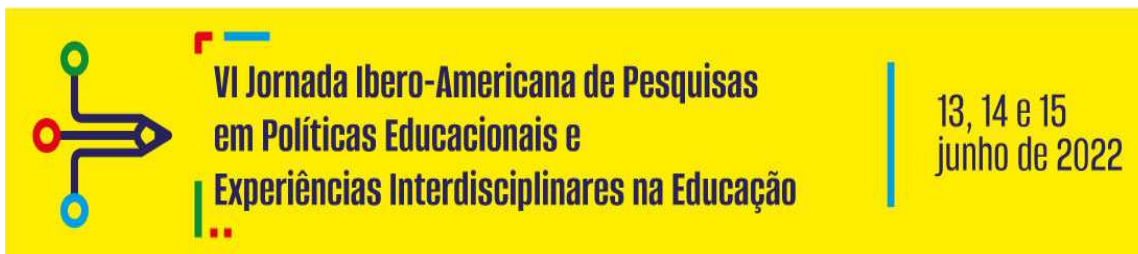
P20. Trata-se de uma Escola Classe que oferta aulas em tempo integral para alunos do Ensino Fundamental I, séries iniciais. A divisão dos alunos foi estabelecida da seguinte maneira: 50% dos alunos estudam pela manhã e 50% estudo à tarde, no contraturno os alunos fazem atividades em casa, do livro ou de folhas. Assim, a escola garante a quantidade máxima de alunos na sala assegurando a distância entre eles.

P21. Por escalonamento de alunos .

P22. Na escola que trabalho, a turma é dividida em dois grupos. Um grupo vai presencial e o outro fica on-line. Então ministro aula para os dois grupos ao mesmo tempo.

Fonte: pesquisa do autor.

Para que possamos analisar as respostas classificamos em três grupos. O primeiro é o das escolas que já atuavam com ensino híbrido antes da pandemia, neste apuramos apenas três respostas (professores P1, 3 e 11). No segundo grupo as respostas mais evasivas que que não nos chamaram a atenção, foram as respostas dos professores (P) 2, 4, 14 e 16. No terceiro grupo juntamos as escolas que passaram a adotar o ensino híbrido na pandemia. Neste grupo se encontram a maioria das respostas dos professores (P) 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 20. 21 e 22. Ou seja, dos vinte e dois respondentes, quinze conhecem escolas que adotaram o ensino híbrido somente durante a pandemia, ou seja não foi um ensino híbrido intencional, planejado e organizado no currículo da escola, mas foi uma imposição da situação provocada pelo isolamento social. Portanto, não corresponde ao que entendemos como um currículo organizado na modalidade híbrida.



4. Considerações Finais

A concepção de ensino híbrido que apresentamos neste estudo, passa pela utilização de equipamentos de informática nas atividades escolares e de casa, e no desenvolvimento de potencialidades individuais dos estudantes. A escola passa a ser um local no qual as aprendizagens podem ser compartilhadas e vivenciadas por meio de projetos individuais e/ou grupais. Portanto, o ensino híbrido é um tipo de ensino mediado por tecnologias e, na maioria dos modelos, este estilo ou modalidade de ensino e aprendizagem passa por uma personalização do ensino.

Neste sentido, o que é chamado de ensino híbrido aqui vai além de uma mistura entre as modalidades presencial e a distância como se constata na fala da maioria dos respondentes. O hibridismo deixa de ter apenas o professor como mediador do conhecimento, e coloca a tecnologia como importante ferramenta. Também, faz com que o estudante deixe de ser um mero receptor do conhecimento e passe a buscar as informações além daquilo que lhe é proposto em sala de aula.

Utilizar ferramentas tecnológicas com o intuito de substituir as aulas presenciais durante a pandemia foi algo inevitável e necessário, mas por outro lado, esta utilização causou diversas confusões com os termos “Educação a Distância” e “Ensino Híbrido”. Tal confusão pôde ser identificada nas respostas obtidas na pesquisa de campo aqui apresentada. Embora as tecnologias tenham tido um papel importante neste momento emergencial da vida escolar, é preciso refletir sobre as reais mudanças que elas provocaram no uso de metodologia educacionais inovadoras. Será que esta utilização emergencial das tecnologias provocou modificações na forma de pensar e agir dos docentes e dos estudantes?

Voltando ao nosso foco que é o ensino híbrido, identificamos que a maioria dos respondentes conheceram o termo neste momento de pandemia. Por isso, identificam o ensino híbrido como: “qualquer atividade educacional que seja parte presencial e outra à distância” o que demonstra pouco conhecimento e quase nenhuma experiência mais aprofundada sobre o tema. A vivência com a modalidade híbrida, também só foi experimentada, pela maioria dos respondentes, em situações proporcionadas neste período da pandemia. E o relato sobre o conhecimento de instituições que adota o ensino híbrido, mais uma vez, se reduz às experiências realizadas, nestes últimos meses, em que as escolas estão realizando uma volta



gradual ao ensino presencial por meio de ações que misturam presencialidade com atividades remotas.

Ante o exposto, concluímos que o ensino híbrido precisa ser mais bem estudado e compreendido para que possa atingir todas as suas potencialidades. Entendemos que este modelo, ou modalidade de ensino, em suas diferentes modulações, pode ser uma importante ferramenta de construção de conhecimentos, mas, para tal, precisa ser planejado intencionalmente como parte do currículo da instituição que deseja adotá-lo. Não basta apenas misturar duas modalidades para se alcançar tudo aquilo que o ensino híbrido pode oferecer ao processo educativo.

REFERÊNCIAS

- BACHIC, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (org). **Ensino Híbrido: personalização e Tecnologia na Educação**. Porto Alegre: Penso. 2015.
- BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aron. **Sala de Aula Invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem**. Rio de Janeiro. LTC. 2017.
- CASTRO, Eder Alonso; COELHO, Vanessa; SOARES, Rosania; SOUSA, Lirek Kalyany Silva de; PEQUENO, Juliana Olinda Martins; MOREIRA, Jonathan Rosa. *Ensino Híbrido: Desafio Da Contemporaneidade?* **Periódico Científico Projeção e Docência**, v.6, n.2, 2015, ISSN: 2178-6275. disponível em: <http://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao3/article/view/563/506>, acesso realizado em 19/08/21.
- CASTRO, Eder Alonso; QUEIROZ, Eliziane Rodrigues de. *Educação a Distância e Ensino Remoto: distinções necessárias*. **Rev. Nova Paideia**, Brasília/DF, v. 2 , n. 3. Núm. Esp.. 2020. Disponível em: <https://ojs.novapaideia.org/index.php/RIEP/article/view/40/31>. Acesso realizado em: 19/08/21.
- DICIO. **Dicionário online de Português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/> acesso realizado em: 20/08/21.
- DOURADO, Grasiela. Reflexões sobre o ensino híbrido. Disponível em: <https://www.construirnoticias.com.br/reflexoes-sobre-o-ensino-hibrido/> acesso realizado em: 30/09/21.
- HORN, Michel B.; STAKER, Hearther. **Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação**. Porto Alegre: Penso. 2015.
- MORAN, José. *Educação Híbrida: um conceito-chave para educação, hoje*. In: BACHIC, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (org). **Ensino Híbrido: personalização e Tecnologia na Educação**. Porto Alegre: Penso. 2015.
- PEREIRA, Lucila Conceição. Método Montessoriano. Disponível em: <https://www.infoescola.com/pedagogia/metodo-montessoriano/> acesso realizado em: 24/08/21.